

Sou pai e avô, não se esqueçam de mim!

Esta é a história do senhor José, de 80 anos, viúvo, que vive sozinho na sua casa de dois andares, demasiado grande para a sua existência vazia e solitária.

Já lhe custa subir as vinte escadas até ao seu quarto. Quando era mais novo, subia-as rapidamente, e nos dias em que sentia mais energia, subia-as de duas em duas ou descia-as a correr, sem se agarrar ao corrimão. Agora, tudo se torna mais difícil, tem de se agarrar com força ao corrimão, a perna esquerda já lhe falha e, ao fim de cinco escadas, tem de parar, pois já lhe falta o fôlego.

No entanto, o pior é a solidão. A casa vazia e sem alma, o silêncio e sempre o mesmo cheiro, a velho e a mofo.

A sua esposa, a D. Ermelinda, partiu há dois anos, vítima de cancro. Foi a sua companheira durante 58 anos, a sua melhor amiga, a sua «Linda». Agora, sem ela, a vida tem pouco sentido, ele deixa-se arrastar pelos dias longos e pesados. Resmungavam muito um com o outro, é certo, mas depressa esqueciam as pequenas desavenças.

Tiveram três filhos, dois rapazes - o Zé Miguel e o Artur - sempre muito ligados à mãe - e uma rapariga - a Ana

Sofia - a sua menina. Casados e com filhos, os seus netinhos (seis, dois de cada filho), de quem sente saudades e que costuma ver uma ou duas vezes ao ano, pelo Natal e no Verão, durante as férias grandes. Nessas ocasiões, esquece todas as tristezas e diverte-se à brava com as tropelias dos seus pequenotes. Mas o tempo passa depressa, as visitas são curtas, porque os filhos têm de regressar a Lisboa e a filha à Suíça, onde o trabalho os espera.

Os rapazes lá lhe vão ligando de vez em quando, sempre a queixar-se do trabalho e das canseiras com os filhos. A Ana Sofia é diferente, liga-lhe todos os dias, preocupada e atenciosa: «Pai, tens comido bem? A Felismina continua a ir aí todos os dias para te levar a comida? Tens tomado os teus remédios?».

Uma manhã, sentiu que a perna esquerda estava dormente e, a muito custo, começou a descer as escadas. Não conseguiu segurar-se, caiu e rolou pelas escadas abaixo, desmaiando com a queda. Por sorte, a Felismina chegou pouco depois, para lhe trazer o almoço. Encontrou-o imóvel, mas consciente. De imediato, chamou o INEM e o sr. José lá foi para o hospital com uma perna partida.

Permaneceu cerca de um mês hospitalizado. A Ana Sofia ligava-lhe muitas vezes, sempre com palavras meigas. O Zé Miguel e o Artur lá lhe iam ligando de vez em quando, sempre com pressa e com a desculpa do trabalho.

Até que chegou o dia em que teve alta do hospital. Estava com a perna engessada, podia ir para casa, mas não era aconselhável permanecer sozinho, de acordo com a

médica, uma jovem simpática e atenciosa que o acompanhou durante o internamento. Perguntou-lhe se tinha filhos e quais os seus contactos. Aí o sr. José ficou apreensivo: será que o Zé Miguel ou o Artur o viriam buscar e estariam disponíveis para cuidar dele? Mostrou a sua preocupação à médica, mas ela descansou-o, dizendo que iria contactar os dois filhos e que tudo faria para o ajudar.

Assim o fez, contactou primeiro o Zé Miguel, que, contrariado, disse logo que não podia ir buscar o pai ao hospital, pois estava longe, nem podia cuidar dele, porque não tinha condições em casa. O Artur, por sua vez, também se desculpou com a distância e com o feitio difícil do pai, que só lhe ia dar problemas. Por fim, a Ana Sofia, lamentando-se muito, confirmou que seria impossível vir a Portugal e ficar com o pai.

-

Visto que ninguém o poderia vir buscar e ele necessitava de cuidados médicos e pessoais muito específicos, pois ia estar imobilizado e completamente dependente durante vários meses, surge no ar a pergunta, quem vai ficar com o senhor José?

Aparentemente, a família equacionou colocá-lo num lar, mas tudo isto através de uma chamada que durou menos de cinco minutos, e nós já sabemos quais as consequências de decisões importantes tomadas em cima do joelho, não é?

Enquanto o sr. José passava as noites em claro, angustiado com a incerteza do futuro, a médica assistente, também ela preocupada, ia tentando contactar os filhos do doente, muitas vezes sem sucesso. Uns dias depois, o sr. José encheu-se de coragem e perguntou à médica quando voltaria para a sua casinha... a médica, com a voz embargada pela emoção respondeu-lhe:

- Ainda não temos uma resposta..., mas vamos encontrar uma solução...

- Os meus filhos não me querem, pois não sra. Doutora? Diga-me a verdade, por favor!

Passaram duas semanas... a cama ocupada pelo sr. José estava a fazer falta para outro doente. Urgia decidir.

Sucedeu o pior dos cenários - o senhor José acabou mesmo por ir para um lar de idosos, onde ficou quase um ano, apesar das chamadas constantes da Ana Sofia, para saber da recuperação do pai, nada fazia o sr. José sentir aquele espaço como seu. Pese embora a forma carinhosa e dedicada como o tratavam todos ali - as enfermeiras tratavam sempre o senhor José como se ele fosse mais um dos 100 utentes daquele lar, e não como alguém que estava apenas em convalescença. Contudo, havia alguém que nunca o abandonou, alguém que o fazia sentir muito melhor... a médica que o atendeu depois da queda, e que criou uma grande ligação com a nossa personagem principal.

Uma vez por semana, à quinta-feira, das 11 da manhã ao meio dia, na sua pausa para almoço, levava a sua salada, e juntava-se no pátio com o senhor José, que exultava de alegria ao vê-la! Era o seu momento de felicidade durante

toda a semana! Apesar de não ser sua filha, nem sua parente, porque dos filhos nem sinal, o senhor José via naquela mulher uma companhia, uma amiga, uma pessoa que realmente o fazia sentir diferente dos outros. Fazia-o sentir-se tão leve, tão bem!...

Os dias iam correndo, e o sr. José, a quem sobrava o tempo, e por isso detinha o seu pensamento a cismar na ausência e até um certo desprezo dos filhos que tinha criado com a sua Linda com tanto amor e carinho, tendo abdicado de tanta coisa para que nada lhes faltasse... mas porquê??...

Ansioso por sair dali, começou a delinear uma estratégia. E se eu sondasse a sr.^a Dr.^a ... ela tem conhecimentos... não! Eu queria mesmo a companhia de um dos meus filhos... e a minha casinha... eu já me sinto muito melhor, já consigo andar sozinho! Mas a sr.^a Dr.^a disse-me a semana passada que quando saísse daqui não podia estar sozinho... e a Felismina já tem outro emprego... ó meu Deus, é tão triste ser-se velho! Se a minha Linda não tivesse morrido! Estava o sr. José a laborar nisto tudo quando foi interrompido pela voz de uma auxiliar de ação direta – sr. José, vamos lá, hora do lanche! Hoje temos um docinho. Não leve a mal, mas hoje não me apetece comer, respondeu.

O sr. José, se bem o pensou, melhor o fez. Volvido um ano de estadia no lar e já recuperado, decidiu falar com a médica sua amiga.

Era quinta-feira, à hora habitual a médica chegou com a sua marmitta à tira colo, toda bem-disposta, bem arranjada e sorridente como sempre. Já se conheciam bem, tinha nascido uma amizade tão bonita! A certa altura a médica

percebeu que o sr. José lhe queria dizer alguma coisa, mas faltava-lhe a coragem.

- O sr. José hoje está menos falador. Aconteceu alguma coisa? O que é que o preocupa?

Perguntou a médica.

- Quer mesmo saber?

- Claro! Somos bons amigos estou aqui para o ouvir.

- Eu sei que é casada, adotou um filho, vive com a sua companheira há 10 anos, tem uma vida feliz... já eu tenho três filhos e seis netos e como vê estou aqui posto a um canto, há três meses que não recebo um telefonema... devem estar à espera que lhes liguem daqui a dizer que morri. Tenho uma tristeza tão grande cá dentro...

A médica, sensibilizada com o sofrimento do amigo, ela que tinha tido um pai ausente e pouco compreensivo, começou a trabalhar muito jovem para poder tirar o curso de medicina, e sabia bem o que isso significava para ela, não hesitou. Eu adotei um filho pensou... o sr. José quer ir para minha casa?

O sr. José, incrédulo perante tamanha generosidade, com os olhos cheios de lágrimas de gratidão e felicidade pegou no telefone, ligou a cada um dos filhos para os informar da sua decisão: ia viver para casa da médica.

Os filhos tentaram demovê-lo, preferiam que o pai permanecesse no lar porque lhes dava maior tranquilidade. Sem sucesso. O sr. José, magoado com a falta de carinho, de atenção e preocupação dos seus filhos apenas os informou, não os consultou.

- O Sr. José, pessoa educada e de trato fácil, ao contrário do que diziam os filhos, teve uma longa

conversa com a direção do lar a quem agradeceu todo o apoio e afabilidade enquanto ali esteve, mas tinha chegado a hora de se despedir de todos quantos contribuíram para que tivesse chegado àquele momento, agora plenamente recuperado, ia viver para casa da filha que tinha acabado de adotar – a sr.^a dr.^a.

- Os dias corriam felizes, o sr. José chamava carinhosamente ao Zé Maria, o filho da médica, “neto emprestado”. Parecia agora mais jovem e cheio de energia, a sua nova família divertia-se com ele, saíam juntos, o sr. José levava o Zé Maria à escola e ia buscá-lo, enquanto que dos seus filhos e netos não havia notícias. Tinham - se esquecido do pai, do avô.

A médica sentia-se cada vez mais entusiasmada com a sua profissão, ela que tinha subido a pulso e dava aos seus doentes o apoio e a ternura que em parte lhe tinha faltado enquanto jovem, aprendeu a dar valor às pequenas coisas da vida e sobretudo aos mais frágeis, aos mais vulneráveis, àqueles que tanto deram e nada receberam em troca.

Quanto ao sr. José, repetia à exaustão: há males que vêm por bem!

Professora Alexandra Magalhães

Agrupamento de Escolas de Moure e Ribeira do Neiva, Vila Verde

Alunos Mariana Henrique e Gonçalo Ferreira

12.º A, Agrupamento de Escolas D. Sancho II, Alijó